

Índio não quer apito; quer suas terras e respeito à sua cultura

O barulho da minoria

Nação, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, é "um agrupamento de seres, geralmente fixos num território, ligados por origem, tradições e lembranças, costumes, cultura, interesses e aspirações, e, em geral, por uma língua". Nesse conceito se enquadram todas as tribos indígenas que sobrevivem no Brasil e que ainda conservam, a despeito de quase cinco séculos de massacres, suas crenças, formas de organização social e hábitos milenares. E é para exigir respeito a essas Nações, aos seus chefes de Estado — os caciques — à sua cultura e às suas terras ameaçadas de constantes invasões que surgiu, há cerca de cinco anos, a União das Nações Indígenas (UNI), entidade de estrutura informal que congrega, no momento, lideranças de 80 povos e representantes de mais de 46 aldeias de todo o País.

O índio brasileiro não quer ser cautequizado e civilizado; já experimentou as "coisas dos brancos, e, agora, prefere continuar índio, mesmo — é o que se aprende das palavras do coordenador da UNI, Alvaro Tucano, um sobrevivente da raça criado no Alto Rio Negro, educado por padres e, hoje, transformado em espécie de prota-voz dos reclames e anseios das diversas Nações indígenas do País. Em Belo Horizonte no início da última semana para contatos com políticos, Secretaria do Trabalho e Ruralminas — dona das terras ocupadas pelos 5 mil remanescentes da outrora imensa população indígena mineira — a fim de reivindicar a agilização dos trabalhos da Comissão de Assuntos Indígenas, criada pelo ainda governador Tancredo Neves mas até hoje não efetivada (não se reuniu uma única vez), Alvaro Tucano falou à repórter Raquel Faria sobre a crescente organização, os sentimentos e os anseios dos índios brasileiros que representa. Orgulhoso e até arrogante na defesa das tradições de sua raça, ele personifica o grito de resistência das populações indígenas e não dá margem a confusões: apesar das roupas e da fala brancas, não se considera nem gosta de ser visto como um brasileiro de origem índia, mas um índio que vive em terras englobadas pelo Estado brasileiro.

O coordenador da União das Nações Indígenas — UNI, entidade

numerous povos e que, hoje, cinco séculos depois, configura uma minoria étnica com não mais de 220 mil indivíduos, segundo estimativa do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), organismo ligado à Conferência Nacional dos Bispos (CNBB). Somente nos últimos 70 anos mais de 80 povos indígenas desapareceram da fase do País: alguns foram dizimados por doenças, pouco perigosas para o branco mas fatais para eles, levados às aldeias nos trajas e corpos aparentemente inofensivos de religiosos e sertanistas; outros foram massacrados pela artilharia de fazendeiros e jagunços interessados em suas terras e poderosos demais diante de arcos e flechas artesanais. Um processo secular de destruição que prossegue, com a convivência de órgãos oficiais e forças policiais, em Chapecó, Santa Catarina, onde os índios caingangues resistem à invasão de suas terras por colonos armados, ou na região de Tucuruí, no Pará,

"Nós sempre vamos fazer muito barulho, enquanto tivermos voz"

onde os parakanãs tiveram 65 mil hectares tomados pela represa da gigantesca hidrelétrica — só para citar alguns casos.

"Estamos defendendo a nossa sobrevivência, que vem da terra; estamos exigindo respeito ao pouco que nos sobrou", diz Alvaro Tucano, explicando o motivo que o levou a afastar-se de seu povo — os tucanos, cerca de 15 mil índios que habitam áreas na região do Alto Rio Negro, na Amazônia —, numa peregrinação incessante por todo o País e até pelo exterior. Ele conta que sua tribo, contactada pela primeira vez há 150 anos, e mais os 70 povos indígenas estabelecidos no Alto Rio Negro ainda dominam toda região, onde até agora só aportaram padres católicos, funcionários da Funai e, como símbolo da civilização, o rádio. "Lá, os brancos ainda não invadiram". Mas já chegou a varíola, que matou milhares de tucanos, e certamente algum dia desses chegará, também, o que os brancos chamam de progresso; mineradoras, gado e projetos agrícolas. Se houver o confronto muito sangue vai rolar "porque a resistência é muito grande". Sangue inútil, todavia, porque em guerra sempre vence o mais forte, e o mais forte é o branco invasor. Por isso, os índios têm buscado novas formas de luta, organizando-se a nível nacional e ocupando os espaços possíveis nos meios de comunicação e entidades comprometidas com a defesa dos direitos humanos; por isso Alvaro Tucano vem cortando todos os Estados brasileiros com populações indígenas, desde a criação da UNI, fazendo contatos com aldeias e buscando apoio junto a políticos, organismos e pessoas sensíveis, numa peregrinação que já o levou em 1980 ao Tribunal de Rotterdan, na Holanda, para denunciar maus tratos de padres salesianos contra indígenas nativos.

— Lá, nós somos todos iguais. O cacique não é o que se impõe; ele é forte dependendo de cada povo, da organização social de cada aldeia. Aqui, quem grita mais ganha. Mas nossos caciques têm poder muito grande junto a outros caciques de povos diferentes. Hoje, a UNI é o movimento de minoria mais bem organizado do País. Temos condição de estourar, no mesmo instante, em vários pontos do País. Estamos puxando a orelha da Funai o tempo todo, derrubamos muitos coronéis e fizemos vários movimentos para defender terras. Nós nunca vamos comandar o Estado brasileiro mas sempre vamos fazer barulho, enquanto tivermos voz.

A terra é o pivô da luta indígena, ontem e hoje. Por ela morreram milhões de índios e por ela estão dispostos a morrer os milhares de sobreviventes. Das terras no momento ocupadas por povos indígenas brasileiros, 80% não têm nenhuma garantia oficial e outros 10% são disputados por brancos invasores, segundo informa Alvaro Tucano. Mas a demarca-



Tucano: índio é como campim do Nordeste; seca mas não morre.

ção e a proteção das áreas indígenas, conforme o determinado pela Lei 6.001 (Estatuto do Índio), e a revogação do famigerado decreto de 10 de novembro de 1983, assinado pelo ex-presidente Figueiredo e que permitiu às empresas de mineração explorarem ouro e outros minérios em terras habitadas por índios não são as únicas bandeiras da UNI que, em abril do ano passado, reuniu mais de 400 líderes e caciques de todo o Brasil numa manifestação contra os desmandos da política indigenista ofi-

"Temos orgulho de ser distintos no mundo confuso dos brancos"

cial. "Nós compreendemos, de tanto apanhar, que nós somos nações com cultura e costumes próprios", diz Alvaro Tucano. Ou seja, o índio não quer apenas a sua terra mas, também, o direito de viver nela conforme suas tradições; ele quer continuar a ser índio, e a ser respeitado como tal.

— Nos orgulhamos de sermos distintos nesse mundo confuso dos brancos. Ninguém consegue civilizar um ao outro nessas cidades. Esse mundo é muito forte, demais, para as coisas ruins, e fraco demais para as coisas boas. Nós não dependemos de ordem externa, dependemos de ordem familiar: viver perto do pai, perto da mãe, dentro de nossas tradições e de nossa religião. A cultura brasileira não é brasileira, é importada. A cultura do índio são suas tradições milenares.

Há uma certa arrogância no olhar e na voz de Alvaro Tucano ao fazer a comparação entre o mundo dito civilizado e o mundo dito selvagem. Arrogância de quem, no passado, se encontrou com a miragem da civilização, ingressando aos nove anos de idade em uma escola de religiosos e cursando, já adulto, em Manaus, um seminário com o intuito de ordenar-se padre; arrogância de quem só colheu decepções ao deixar a aldeia nativa para abraçar as "coisas" dos brancos:

— Chegando a Manaus eu vi polícia batendo, vi gente roubando, vi muita mentira. Vi coisas que nem consigo contar; só o coração sofre por isso. Os padres diziam não "transe" porque isso é pecado. Mas todo mundo "transava". Tanto que não acredito mais em padres, dependendo de sua qualidade. Tem uns que falam a verdade e que vivem tranquilos com os índios, como o padre Tomas Lisboa, que dança e canta como um xavante. Ninguém nota a diferença. Mas a maioria não é assim, a maioria quer acabar com as festas dos índios. Também não é verdade que todo mundo é igual perante a lei do branco. Nos arrancaram de nossas mães para nos jogar na marginalidade. Hoje, tem muito ín-

dio na cadeia e muita índia na prostituição. Essa é a civilização que nos impuseram.

Após um longo e duro convívio com o lado marginal e miserável da civilização a que são relegados quase todos os índios que, iludidos ou obrigados pelas circunstâncias, tomam o caminho da integração na aldeia global dos brancos, Alvaro Tucano percebeu que a "maior burrice" de sua raça foi acatar o rótulo de selvagem, como se ser civilizado fosse a melhor coisa do mundo. Daí à descoberta do orgulho e da dignidade de ser índio foi um pulo:

— Eu percebi que queria ser uma grande pessoa dentro do conceito dos brasileiros. Eu desconheço o índio doutor em seus conhecimentos mas conheço índios doutores em conhecimentos dos brancos. Isso é que precisa ser mudado. Índio tem que ser doutor em suas coisas, tem que ter acesso à sua cultura. As línguas dos brancos são muitas: alemão, italiano, português, espanhol... E são todas valorizadas, enquanto as línguas indígenas são combatidas. Nós trancamos as portas para as nossas tradições milenares e abrimos as portas para as coisas dos brancos.

Atrás da arrogância de Alvaro Tucano está a convicção de que as tribos xavantes, tucanas, caingangues, parakanãs, pataxós e todas as demais existentes, as dezenas, no País, são verdadeiras nações, com leis e formas próprias de organização, e devem ser tratadas como tal. O cacique, então, é um chefe de Estado, como o presidente José Sarney. "Queremos que o Estado brasileiro

"Vi coisas que nem consigo contar; só o coração sofre por isso"

respeite as nações indígenas e suas leis, que são leis de vida", diz o orgulhoso tucano.

Respeito às Nações indígenas significa respeito às suas culturas, com o fim da imposição de valores morais, religiosos, sociais e comportamentais às tribos remanescentes em nome da civilização e do cristianismo. Mais, significa reconhecimento e respeito ao seu direito de autogoverno, com o fim da tutela de órgãos oficiais e eclesiásticos que tendem a considerar os índios pessoas incapazes ou absurdamente infantis:

— A tutela é um exemplo prático de como, no Brasil, se aplica o racismo dentro de uma lei e de uma instituição — a Funai. Nós sempre fomos maiores de idade. A Funai quer falar por todos os índios, os padres querem falar por todos os fiéis. A mãe conversa com seus filhos, é quem mais compreende o mundo de seus filhos. Então, eu pergunto, a Funai e a Igreja são nossas mães? Nós somos democráticos e a decisão sobre nosso destino cabe a nós. Respondemos por nossas aspirações e nossas ações.

Mesmo defendendo a preservação

e autonomia das tribos indígenas, alias, das Nações indígenas, Alvaro Tucano não pretende o isolamento de seus semelhantes do mundo branco, o que de resto seria impossível pois todas estão inseridas no Estado brasileiro. "Não queremos nos isolar. O Estado é que se isola da gente", ele diz. Nem considera todos os brancos farinha do mesmo saco, como explica.

— Branco na linguagem do índio é aquele que explora, que domina. Se a maioria branca é roubada, então deixa de ser branca. Brancos, mesmo, tem poucos. Eu não tenho culpa de estar aqui, falando essas coisas e denunciando o problema do índio. Mas tampouco a maioria branca tem culpa de ser branca. Nessa caminhada triste nós nos identificamos e fazemos questão de sermos aliados aos brancos oprimidos. Aliados na justiça. Eu me sinto na mesma qualidade

"Desconheço índio doutor em conhecimentos de seu próprio povo"

de qualquer cidadão brasileiro sem voz.

Alvaro Tucano, que depositou muitas esperanças no presidente falecido Tancredo Neves e que acompanha atento a evolução de todos os movimentos sociais no País, acha que a UNI deve caminhar de mãos dadas com os trabalhadores, a classe média, os desempregados, os favelados, os bóias frias — enfim, com o povo brasileiro sofrido que foi às ruas em várias ocasiões para exigir mudanças e participação. "Há uma grande fusão entre a nossa organização e a luta de conscientização política no País", observa. Ou seja, a trajetória do índio, da submissão à luta em movimentos organizados, é semelhante, paralela e parte do mesmo processo que, nos últimos anos, levou trabalhadores a reconquistarem o direito de greve e que redundou nos imensos comícios pelas Diretas-já ou, mais recentemente, nas manifestações cívicas de despedida a Tancredo Neves. O povo brasileiro mudou muito, e com ele os índios.

Crítico mordaz da civilização porém aliado e companheiro da maioria de "brancos sem culpa", Alvaro Tucano ainda vê esperança não só para as Nações indígenas sobreviventes como, também, para os brasileiros brancos: "Acreditamos no mundo dos brancos desde que todos participem." E, antes de embarcar apressadamente de volta a Brasília, onde era esperado na última quarta-feira para discutir com outras lideranças a nomeação para a chefia da Funai do Tenente Gerson Alves da Silva — um nome que os índios não aceitam de modo algum —, deixou um recado para os que subestimam a capacidade de luta e resistência dos índios, profetizando sua total extinção até o ano dois mil: "Nós somos como o campim do Nordeste que seca mas não morre."

"Por que essas roupas? É uma pergunta que eu devolvo a você"

criada há cerca de 5 anos e que reúne lideranças de aldeias espalhadas por todo o País —, Alvaro Tucano, veste calças de brim e camisetas de malha colorida, usa relógio no pulso direito e apresenta perfeito domínio do português, com um vocabulário de fazer inveja à maioria da população. À primeira vista, um cidadão como outro qualquer, diferenciado apenas pelo tom de pele e pelos traços do rosto, pouco comuns por estas bandas do imenso Brasil; um brasileiro de origem índia, fruto da miscigenação racial. As aparências, contudo, são muitas vezes enganosas, como vai logo esclarecendo Alvaro Tucano, que se considera e quer ser visto como um índio de nacionalidade brasileira:

— Eu uso relógio porque, aqui, eu sou controlado pelo tempo. Por que essas roupas? É uma pergunta que eu devolvo a você. São os brancos que usam e que me deram essas roupas. Eu vivo conforme meu povo. O fato de termos terras no mundo dos brancos não nos rouba a característica de índios. Por que o índio está falando assim? Nós estamos tentando driblar a morte, lutando como os brancos. Estamos demonstrando que a vida é comum em qualquer lugar da terra. Se eu não falasse português eu não poderia conversar com jornalistas e denunciar o que fazem com o índio. Se a gente não participar do País os problemas dos brancos nos matam.

Alvaro Tucano é um sobrevivente de uma raça que, à época do descobrimento do Brasil, contava mais de 12 milhões de pessoas divididas em